

REVISTA ADVENTISTA

Órgão Oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Março de 1996

Halliwell

*O Herói
do Amazonas*



ERRATA

No número anterior desta Revista saiu um artigo do nosso prezado colaborador, Pr. Ernesto Ferreira, que presentemente ocupa o cargo de Director do Colégio Adventista de Lisboa, com o título *Representações Dramáticas por Adventistas do Sétimo Dia*. Por lapso nosso, onde se lê “**Profano**” dever-se-á ler “**Mundano**”.

A Redacção

Aguardando a Ressurreição

Joaquim A. Morgado

Na sexta-feira 2 de Fevereiro de 1996 faleceu, inesperadamente, o Pastor Joaquim A. Morgado. O Pastor Morgado foi vítima de um acidente cardio-vascular e apesar de rapidamente transportado ao Hospital e do incansável esforço do pessoal clínico a sua recuperação já não foi possível.

O Pastor Joaquim Morgado nasceu a 12 Novembro de 1923 em Carcavelos, tendo, poucos anos depois, os seus pais vindo residir para Lisboa, onde fez estudos comerciais e se preparou para iniciar a sua carreira profissional na actividade bancária. Contudo, os seus projectos profissionais viriam a conhecer uma mudança profunda. Após ter casado em 1947 com Milca Evódia Ferreira da Silva Bizarro, batizou-se na Igreja Adventista de Lisboa, ainda que contra a vontade de sua família; pouco depois decidiu ingressar no Seminário Adventista de Portalegre, onde fez os seus estudos de teologia e trabalhou na secretaria do Colégio.

Em 1950 o casal iniciou a sua carreira como missionários. Foram chamados para trabalhar na então Missão de Cabo Verde como professores e aí permanecem até 1952. O Casal foi depois chamado para trabalhar em Angola, onde nascem os seus dois filhos: Paulo (1952) e Luísa (1957), onde estiveram até 1961. Moçambique foi o seu



destino seguinte. Aqui exerce funções de professor, pastor e Secretário-Tesoureiro da Missão até 1965.

Em 1966 a família voltou a aceitar um chamado para trabalhar em Angola como Pastor, Departamental de Jovens e de Actividades Missionárias. Permaneceram ali até à última hora possível, algumas vezes em perigo de vida, antes da independência. Devido a todo o complicado e conhecido processo de independência daquele país, regressaram definitivamente a Portugal em finais de 1975.

Tendo sido integrado na União Portuguesa, o Pastor Morgado aceitou a responsabilidade do Departamento da Rádio e Jovens desta União. Na Assembleia da União em 1979 foi eleito presidente, função que desempenhou até à sua aposentação em 31 de Julho de 1992.

Durante toda a sua vida e, particularmente, durante o período da sua presidência da nossa União, tempo em que o conhecemos melhor, o Pastor Morgado foi um incansável trabalhador, muitas vezes até ao prejuízo da sua própria saúde. Nunca o vimos voltar a cara às suas responsabilidades, nem deixava de escutar aqueles que se aproximavam dele para conselho e orientação. Ficou conhecido pelo seu dinamismo, força de vontade e também pelo seu espírito humano e conciliatório. Deixou após si uma obra significativa nesta União da qual destacamos, para além do seu cuidado e interesse por todos os departamentos de um modo geral, a penetração da Igreja nas regiões interiores do nosso país.

O seu espírito de trabalho não o abandonou mesmo após a sua reforma. Para além de ter trabalhado durante vários meses como Pastor na Ilha da Madeira, iniciou imediatamente um projecto que sempre o tinha atraído ao longo da vida. Esse projecto era a compilação da história do início e desenvolvimento da Igreja Adventista em Portugal e suas repercussões nas antigas colónias portuguesas. A morte impediu-o de concluir este sonho que tanto gostaria de ter realizado. Fica-nos o exemplo do seu espírito de trabalho, dedicação ao Senhor e à Sua igreja e o desejo de o rever na manhã da ressurreição, quando o Senhor nos tiver libertado destas separações dolorosas que acontecem com a partida daqueles que amamos.

A Revista Adventista, a quem o Pastor Morgado dedicou sempre um carinho muito especial, perde também aqui um regular colaborador e amigo; por isso se associa ao sentimento de pesar que invade a família enlutada, particularmente à sua esposa, irmã Milca e seus filhos Paulo Jorge e Luísa Maria. A todos endereçamos as mais sentidas condolências por esta perda significativa. *“Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor(...) para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanharão”*. - Apoc.14:13

A Redacção

REVISTA ADVENTISTA

Março, 1996

SECÇÕES

- 2 Cartas
- 5 Notícias
- 8 Do Coração
- 20 Cantinho da Criança
- 21 A Igreja ao Redor do Mundo
- 23 Reflexão

EDITORIAL

- 4 Renovar o Ânimo

PRÓXIMO NÚMERO

"A História de uma Freira"

"Tínhamos sido alertados pelo nosso padre para nos precavermos contra as interpretações da Bíblia."

ARTIGOS

SOCIEDADE

10 Dia Mundial da Mulher

Será necessário procurar heroínas na história?

NA TRILHA DOS PIONEIROS

12 Halliwell – O Herói do Amazonas

Um dia, quatro anos após a sua formatura, ouviu histórias emocionantes contadas por um missionário no Perú. Num impulso, requereu uma missão. Pouco tempo depois ele e a sua esposa estavam a caminho da Bahia.

DEVOCIONAL

16 Para Facilidades e Dificuldades

As classes progressivas, os MV, os nossos primeiros acampamentos, as aventuras nos bosques foram organizados pelos nossos pioneiros pensando no desenvolvimento global da juventude.

TEOLOGIA

18 Cristo e as Festas Solenes

Onde esteve Jesus desde que ressuscitou até que apareceu no 8º dia? Qual o motivo de 7 dias de ausência?

OPINIÃO

22 De Geração Para Geração

Os nossos jovens querem conhecer as raízes da sua igreja e compreender o movimento que os seus pais aceitaram.



12 Leo Halliwell, missionário Adventista



16 Para Facilidades e Dificuldades

Capa: Foto CSPL/insertão - Images of Mission

REVISTA ADVENTISTA

ANO LVI — Nº 586
MARÇO DE 1996

PUBLICAÇÃO MENSAL

Órgão oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal.

DIRECTOR: J. Dias

REDACOR: Ilídio Carvalho

CORPO DE REDACÇÃO: J. Dias, Ilídio Carvalho, Maria Augusta Lopes, Ezequiel Quintino

PROGRAMAÇÃO VISUAL: Elízer C. Miitão

PROPRIETÁRIA E EDITORA: Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO: Rua Carlos Amaro de Matos, 18
Venda Nova - 2700 - Amadora
Telex: (01) 474 2610

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Salvador Allende, Lt. 18
2686 Sacavém Codex
Telex: (01) 941 0844

SERVIÇO DE ASSINATURAS:

R. Alexandre Braga, 16 - R/C Dto
1100 - Lisboa
Tel.: 3524687 FAX: 573936

PREÇOS:

Assinatura Anual 1100\$00
Número Avulso 100\$00

PARA FAZER A SUA ASSINATURA: Envie-nos o seu nome e morada, acompanhados do respectivo meio de pagamento.

SERVIÇO DE COBRANÇAS:

R. Salvador Allende, Lt. 18
2685 - Sacavém
Tel.: 9410844 FAX: 9425764

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda
Vale Travelho - Pedreiras
2480 - Porto de Mós
Telex: (044) 402413
FAX: (044) 401575

A redacção reserva-se o direito de condensar, ressaltar ou adaptar os textos enviados para publicação, de acordo com as necessidades de espaço.

BOCS

"Aqui está a paciência dos santos: Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus." Apoc. 14:12

BOCS

Internet:
<http://www.arvore.pt/iasd>



Pr. Joaquim Dias
(Presidente da União)

Renovar o Ânimo

A Natureza renova-se cada ano com o variado suceder das estações. Também o mesmo se passa com as nossas actividades a nível pessoal, de família, de trabalho secular e mesmo da Igreja. É este aspecto que a seguir abordaremos.

Após o período inicial do ano eclesiástico na quadra outonal e do estabelecimento e arranque do programa a culminar normalmente na época natalícia, a execução das actividades missionário/evangelísticas evidenciam-se com o aparecimento do novo ano, atingindo vários pontos altos com o desabrochar da Primavera, seja em retiros espirituais, semana de oração dos jovens, campanha das Missões, e campanhas de evangelização valorizadas espiritualmente com cerimónias baptismais, que se prestam também para suscitar novas decisões, para a reconsecração dos compromissos com Cristo já tomados anteriormente.

Todo este percurso não é linear ou tão harmoniosamente progressivo num “*crescendo*” regular e perfeito como tentamos descrever. Factores de ordem variadíssima surgem e perturbam ou ameaçam fracassar o desenrolar normal de um programa de igreja. As condições climatéricas, as convulsões sociais, económicas, e mesmo as tragédias a nível pessoal, da família ou da comunidade podem causar traumas, provocar entraves e desencorajamento próprios da natureza humana.

Para contrariar esta tendência humana e contrapor os factores adversos independentes do nosso querer, é bom dar ênfase à mensagem positiva de



Deus e do Seu poder restaurador.

Ele assegura-nos de maneira confortadora que “*os que submetem a vida à Sua direcção e ao Seu serviço jamais se verão colocados numa posição para a qual Ele não haja tomado providências. Seja qual for a situação, se somos cumpridores da Sua Palavra, temos um Guia a dirigir-nos o caminho; seja qual for a nossa perplexidade, temos um Conselheiro seguro; seja qual for a nossa tristeza, perda ou solidão, possuímos um Amigo cheio de compassivo interesse*” - E.G.White, *Ciência do Bom Viver*, pg. 248, 249.

Muito apropriadamente a campanha de evangelização proposta para realizar nas nossas igrejas em Abril deste ano é feita sob o lema “Renovar o Ânimo”. Ao pensar nas campanhas do ano passado em que milhares de pessoas assistiram às reuniões saindo confortadas e confiantes em Cristo, façamos planos para estar presentes e levar os nossos familiares, companheiros de trabalho e de estudo, amigos que também precisam de renovar o seu ânimo em Cristo.

Para que esta renovação do nosso ânimo se verifique e dê os seus frutos na vida de cada crente falemos, pregadores

e ouvintes “*do incomparável poder de Cristo e da Sua glória*”. Lembremos que “*todo o céu está interessado na nossa salvação. Os anjos de Deus, milhares de milhares, e miríades de miríades, têm a missão de ministrar aos que hão-de herdar a salvação*” - *Idem*, pg. 253, 254.

Com esta certeza experimental da presença de Deus na nossa vida, na vida da nossa Igreja e na vida de todos aqueles que se deixam atrair por Cristo, renovemos o ânimo, actuemos activamente para levantar e Renovar o Ânimo nos outros que nos cercam. Deus é servido e honrado por isso; todos os que O servem são abençoados no presente e na eternidade, na vida física e espiritual, pois “*coisa alguma tende mais a promover a saúde do corpo e da alma, do que o espírito de gratidão e louvor. É um positivo dever resistir à melancolia, às ideias e sentimentos de descontentamento - dever tão grande como o de orar*” - *Idem*, pg. 251.

“Renovar o Ânimo, eis a grande oportunidade na Campanha de Acção 96 para cada um de nós, para a nossa família, para a nossa igreja e para a comunidade.

□ ÉVORA

Nacional de Tições - 1995

Jorge Branquinho
(lg. Évora)

Algumas dezenas de Tições, oriundos de vários pontos do país, reuniram-se na Costa de Lavos para “vestirem a pele” de Daniel e companheiros revivendo os tempos passados no reino de Nabucodonosor.

Foi um acampa-



mento Nacional de Tições, que tão cedo não sairá da memória de todos quantos nele participaram; tantas foram as alegrias vividas e... as dificuldades por que tiveram de passar!

Os Pastores Paulo Renato e Zé Lagoa transportaram-nos aos tempos bíblicos, onde os Tições aprendiam os exemplos de Daniel e dos seus companheiros. E, enquanto todos se divertiam na praia, a Bêta (Raposa) e o Jorge Branquinho preparavam, com a ajuda do Rique, as pistas e jogos que reviviam os dias de Daniel. Certamente ninguém vai esquecer o “cabeçudo” que servia as frutas gigantes a “Daniel”, os jogos de água, o “slide”, aquele túnel todo besuntado e... tantas outras malandrices! Também não esqueceremos o concurso de pintura sobre o ambiente onde tivemos a companhia de várias crianças da vila local. Ao terminar, as “Noites na Corte” proporcionaram os últimos pulos e gargalhadas do dia.

Vencedores? Bem, os Gol-

finhos (Setúbal) dominaram o concurso dos chapéus, as Águias (C.A.L.) venceram a Mímica e os Novalvalgoa (V. N. Mon-

sarros, Alvalade e Lagoa) ficaram em 1º lugar na classificação final; mas vencedores foram todos, pois só perdeu quem não esteve presente. Um obrigado especial aos monitores das Unidades e à equipa da cozinha. E, atenção Tições: para o ano há mais ... e melhor.

□ AVEIRO

Póvoa do Paço: Escola Cristã de Férias

Pedro Fonseca
(Pr. da lg. Aveiro)

Retomámos a tradição de realizar na Póvoa do Paço uma escola cristã de férias, actividade que já há alguns anos a irmã Ivone e o irmão Matos tinham organizado no jardim da sua casa. Contámos com a participação de vinte crianças e, no encerramento, a maioria dessas crianças despediu-se de nós dizendo “até pró ano...”

Voltámos a encontrar-nos no mesmo local que, entretanto, tinha recebido uma série de melhoramentos para acolher os participantes. Contámos com a colaboração das monitoras das classes infantis da Escola Sabatina e de vários jovens que, entre outras actividades apresentaram teatros de fantoches. E as crianças

voltaram a despedir-se, dizendo “até pró ano...”

No Verão não podíamos faltar. Foi o terceiro ano consecutivo em que realizámos uma escola cristã de férias, graças à disponibilidade da Irmã Ivone, do Irmão Matos e de todos quantos têm tornado possível estas vivências sociais e espirituais com as crianças da Póvoa do Paço.

E lá partiram elas, mais uma vez, com os diplomas, os trabalhos manuais, os livros e o que aprenderam sobre a Bíblia. Mas, de novo, com um sorriso meio comprometido e a susurrar... “até pró ano!”

P.S.: *Deixem-me só contar mais um pormenor: passei hoje mesmo pela casa do irmão Matos e encontrei-o a rebocar os sanitários que se lembrou de construir no jardim para uso das crianças. Quer dizer que, para o ano, elas podem, de novo, contar com a escola no Paço! Excelente.*

Tições completam a 1ª Estrela

Foi num ambiente de festa que os desbravadores adventistas de Aveiro se reuniram para entregar aos seus Tições a primeira estrela.

Já há algum tempo que eles aprendiam os requisitos de conhecimento bíblico, da natureza e algumas técnicas de escutismo; foi com muito orgulho que receberam, rodeados de tantos amigos e convidados, a tão desejada estrela que, agora, já faz parte da sua farda.

Feliz estava também a Micaela, que os tem dirigido nestes últimos anos e que, quando ler esta notícia, já deve andar empenhada na preparação da se-



gunda estrela. Orem para que estes jovens cresçam em dedicação e se tornem verdadeiros valores nesta Igreja que amamos.

□ PORTALEGRE

NAScer PARA VIVER

Carlos Cordeiro
(Pr. da lg. Portalegre)

Foi num Sábado de manhã que nós, na igreja de Portalegre, assistimos ao segundo nascimento de Marco Paulo Pereira Carrapiço e de Mariana de Jesus Lourenço.

Durante a pregação, à qual assistiram muitos familiares e amigos dos candidatos, a importância do segundo nascimento foi focada.



No primeiro nascimento, como se costuma dizer, nascemos para morrer. Mas, no segundo, ao contrário do primeiro, é totalmente da nossa própria escolha, nascemos para a vida eterna em Jesus Cristo.

Por isso, do ponto de vista bíblico, o segundo nascimento é mais importante do que o primeiro. Sendo assim, houve muita alegria na igreja de Portalegre e também no Céu. Depois do baptismo, houve na igreja um almoço de confraternização para celebrarmos este grande acontecimento.

Que Deus a ambos dê muitos anos de alegria ao Seu serviço e da Sua igreja e, finalmente, um lugar no reino dos Céus.

☐ CALDAS DA RAINHA

Novos conversos para um novo baptistério

Manuel Garrido
(Pr. Ig. Caldas e Peniche)

Tudo muito igual a outros dias do Senhor, mas, com um cunho também diferente. Sentiu-o o irmão Álvaro Morais Marques com os seus 72 jubilosos anos, numa tomada de posição confirmadora de todo um estilo de vida e de esperança com um conteúdo inspirador; da mesma maneira, o jovem Marcos Filipe de Oliveira Garrido, nos seus arrebatadores 17 anos, também

levou em conta o apelo interior para um testemunho público.

No passado dia 05 de Novembro, num daqueles dias de Outono com temperatura estival, a congregação das Caldas da Rainha apresentava uma moldura humana condigna. Não era para menos, pois, as águas baptismais dum baptistério renovado selaram um pacto com o Senhor efectuado diante “duma tão grande nuvem de testemunhas”.

O cântico, de características mais jovens, marcou presença

muito digna, abrilhantando este dia tão igual a muitos outros. Após o pôr-do-sol, um convívio nos esperava. Foi um dia tão igual a muitos outros, mas, como todos estamos carentes de muitos dias iguais a este!



REAVIVAMENTO NO C.A.O.D.

Janeiro esteve chuvoso e cinzento cá no Norte.

Corpos encasacados, a tremer de frio, a precisarem de aquecimento.

Almas ensonadas, adormecidas, a precisarem de reavivamento.

Foi o que aconteceu no C.A.O.D. – uma SEMANA DE REAVIVAMENTO, de 22 a 26 de Janeiro, dirigida pelo capelão do Colégio, o Pr. Júlio Carlos Santos.

De Segunda a Sexta-feira, cerca de 200 alunos, adventistas e não adventistas, foram cantando, ouvindo, vendo e reflectindo.

Para o chão da vossa casa

Escolhei ROCHA
O ALICERCE firme, que não cai.
O eu é falso,
É areia movediça.
Só em JESUS
A construção firmai.

E a casa foi lançada nos seus alicerces...

DEPENDENDO d'ELE
Cada dia,
Pedra sobre pedra levantai.
Conhecei-O em convívio
E amizade.
Encontrai-O na Palavra,
Em COMUNHÃO ficai.



E, na casa, surgiram as paredes e o telhado...

E esse fio fino da aranha,
Esse fio fino da ORAÇÃO
Não corteis!
Pois só através dela,
Na vossa construção inacabada,
Disponível se torna o coração
E Jesus pode abrir uma janela.

E a casa ficou uma construção perfeita e bela.

Os alunos dos 10 aos 16 anos compreenderam e gostaram. Gravaram a mensagem na memória do coração.

Reavivaram por dentro e pediram a Jesus que construísse as suas casas em caracteres belos e perfeitos.

Vidas em construção que

Raquel Mendes Grave
Prof. do 2º Ciclo do E. Básico
Colégio Adventista de Oliveira do Douro

ambicionam o melhor – a eternidade.

– Valeu a pena! – disseram os alunos através de um pequeno inquérito.

– E achas importante haver uma semana especial como esta, pelo menos, uma vez em cada ano lectivo? – era outra pergunta do inquérito.

– Sim, – foi a resposta unânime – SEMANAS DE REAVIVAMENTO, sim, porque:

“fazem-nos reflectir e pensar no que podemos e devemos mudar na nossa vida”;

“é uma maneira agradável e eficaz de sermos chamados à razão”;

“nós, às vezes, esquecemo-nos de Jesus e, assim, voltamos a lembrar-nos d'Ele. Eu quero agradecer ao Colégio por ter esta ideia”;

“aprendemos coisas sobre Deus que ainda não sabíamos”;

“os novos alunos que não estão habituados a este tipo de convívio, ficam a saber qual é o

nosso modo de conviver”;
“ajuda-nos a saber que Jesus está lá, sempre pronto a ajudar-nos nos nossos problemas”;

“eu penso que muitas pessoas não acreditavam em Deus e, com a semana de reavivamento, começaram a acreditar”;

“é bom e importante conviver, cantar e aprender coisas novas sobre nós e Jesus”;

“podemos melhorar a nossa relação com Deus. É importante para o nosso crescimento espiritual”;

“estas mensagens podem ser-nos úteis no futuro”.

Reavivamento é bom, mas temporário é pouco!

A vossa escola adventista em Portugal precisa de um reavivamento permanente.

Para que Deus se mova com prazer no nosso meio e os anjos caminhem felizes aqui entre funcionários, alunos e professores, precisamos, irmãs e irmãos, não de crítica ou maledicência, mas somente da enorme ajuda que vem da força das vossas orações.

Bem Hajam!

da União

Pastor Guerlyng Martins

Vindo do Brasil chegou a Portugal no dia 13 de Fevereiro o Pastor Guerlyng Mar-



Pr. Guerlyng, a esposa Sandra e a filha Caroline

tins ao abrigo do intercâmbio entre o Brasil e a União Portuguesa para um período de 3 anos de evangelização em Portugal. O Pastor Guerlyng Martins ficou a prestar serviço na Igreja Central de Lisboa.

Nova Colecção de Folhetos

A União votou a preparação de uma nova colecção de 15 folhetos para evangelização. O Pastor José Manuel de Matos ficou encarregado de organizar esse novo elemento de trabalho missionário.

Convenção Internacional de Pastores

Terá lugar de 28 de Abril a 1 de Maio uma Convenção de Pastores da União Portuguesa conjuntamente com os Pastores da União Espanhola na bonita cidade de Alicante.

Nova Igreja da Brandoa

A União Portuguesa votou, na sua última reunião de

JOVENS ACAMPAMENTO NACIONAL

Abril

04 - 07 - CAMPOREE Nacional T.D.C.S. - Nazaré
08 - 12 - Estágio Dirigentes J.A. - D.E.A.
25 - 28 - Enc. Nac. de Universitários - Monte Real

Conselho, dar início a uma nova igreja na localidade de Brandoa, concelho da Amadora. Para apoio a esta nova igreja a União iniciou uma série de contactos junto de membros que vivem nas redondezas.

Semana de Oração de Jovens em Genève

A Sociedade de Jovens da Igreja Portuguesa de Genève convidou o Pastor Rogério Fernandes para dirigir a sua semana de oração de Jovens de 23 - 30 de Março.

Retorno do Excesso da Campanha Caridade em Acção

O Conselho da União votou que o excesso da recolha de fundos da ASA que teve lugar no mês de Abril do ano passado, reverterá a favor dos Lares em construção em Avintes e no Funchal.

Calendário de Dias e Ofertas

ABRIL

20 - Dia da Literatura Evangélica
27 - Dia da Educação - OFERTA

Cursos de Formação Permanente Para Membros de Igreja

Como já vai sendo hábito, este ano vamos ter no Colégio de Oliveira do Douro, de 4 a 18 de Agosto, mais um Curso de formação Permanente para membros de Igreja.

Os temas a estudar neste encontro são os seguintes: Apologética: Bases racionais da fé cristã (Ernesto Ferreira); O Apocalipse: Directrizes divinas para os nossos dias (Manuel Cordeiro); Dinâmica do Evangelismo Pessoal: Activas testemunhas de Cristo (Joaquim Casquinha); O Grande Movimento Adventista: Silhuetas do nosso álbum de família (E. Ferreira). O estudo destes temas será acompanhado por textos de apoio oferecidos a cada participante do Curso.

Além dos períodos ocupados pelo estudo dos mencionados tópicos, con-

tamos dedicar também algum tempo a mesas redondas para o debate de vários problemas suscitados pelas rápidas alterações sócio-culturais dos nossos dias. Dado que este ano vai participar um número significativo de professores, está igualmente planeado um debate sobre a "Escola Ideal e a Escola Real" (o professor ideal e o professor real, o aluno ideal e o aluno real, as instalações ideais e as instalações reais, etc.).

Escusado será salientar que o Curso realizar-se-á num ambiente acolhedor por parte de todo o pessoal do Colégio de Oliveira do Douro; numa zona verdejante a pouca distância do Rio Douro; no convívio com pessoas de ideais idênticos aos nossos; e dispendo de uma alimentação saudável, de acordo com os nossos

hábitos dietéticos.

Como habitualmente, efectuar-se-ão saídas facultativas de carácter missionário e será organizada uma excursão cultural a locais pitorescos e históricos da cidade do Porto.

As condições financeiras são idênticas às do ano passado: Inscrição - 1.500\$00; alojamento e alimentação 42.000\$00, importância esta que será coberta da seguinte forma: União - 13.000\$00; a igreja local - 5.000\$00; o participante - 24.000\$00.

Onde seria possível obter, fora de casa, umas férias tão agradáveis e proveitosas por tão diminuto preço?

Não hesite em participar.

Ernesto Ferreira

A esperança Arde Incandescente



Robert Appenauer
(Pres. da Conferência Geral)

Antes da crucifixão, Tiago e João, ambiciosos e esperançados pediram a Jesus: "Concede-nos que, na tua glória, nos assentemos, um à tua direita e o outro à tua esquerda" - Marc. 10:37. As suas palavras simbolizam os discípulos que não compreendiam a natureza e os propósitos da missão de Cristo. Mas o que aconteceu realmente foi que Jesus teve alguém no Seu lado direito e no esquerdo - os dois ladrões que foram crucificados com Ele na Sua "glória", não exactamente como Tiago e João esperavam.

Apesar de Cristo ter feito alguns

avisos acerca da sua morte, cada golpe dado pelo martelo do soldado romano no prego que perfurava as mãos do nosso Salvador era outro golpe para os planos políticos terrenos dos Seus discípulos, os quais morriam com Jesus.

Claro, com a Sua ressurreição as suas esperanças ressurgiram de novo. Cada acontecimento que tinha sido tão amargo na incompreensão, tornou-se entre eles num novo entendimento acerca de Jesus e n'Ele colocaram toda a sua esperança, felicidade e vidas. O que tinha acontecido era um amargo desapontamento que virou do avesso um movimento religioso.

Esperanças em 1844

Mais de 1800 anos depois, outro grupo de seguidores de Cristo também tiveram esperanças e planos para o futuro. Após terem estudado as Escrituras chegaram à conclusão de que algo de concreto e específico aconteceria na data de 1844. Assim como a crucifixão, um acontecimento deveria ocorrer, mas não aquele que esperavam. Tal como os discípulos, estes também se enganaram nas suas expectativas e mesmo assim o Senhor foi capaz de transformar o amargo em doce porque chegaram à ver-



dadeira compreensão do que realmente se estava a passar; começaram também um movimento religioso com proporções mundiais.

Estes discípulos de Cristo do séc. XIX, claro, eram os Adventistas Milleritas, os quais, apesar da amargura do desapontamento, tiveram um chamado de Deus para proclamarem a mensagem angélica a todo o mundo como precursores do grande e glorioso acontecimento em toda a história: a segunda vinda de Jesus.

Sentido de Urgência

Para muitos de nós, a luta é mantermos o sentido de urgência dos nossos pioneiros. Como, após século e meio, podemos ainda esperar que a esperança da segunda vinda de Jesus brilhe incandescente?

Creio que a chave reside em manter vivo o significado e a compreensão da Sua primeira vinda. Na verdade, qual é o objectivo final da nossa fé? Será só viver os ensinamentos éticos e morais de Jesus e depois morrer e descansar no pó da terra tal como aqueles que não se importam, nem um pouco, com Cristo ou moralidade ou no que está certo ou errado?

Será que o cristianismo consiste unicamente no amar o nosso próximo

como a nós mesmos? Será unicamente visitar as viúvas e os orfãos e aqueles que estão presos? Será obedecendo e amando Deus por interesse?

No entanto, por muito importantes que estas coisas sejam para a nossa religião, a moralidade, a obediência, a bondade, a justiça, a santidade dentro e fora de nós, são ainda mais significativas para o cristianismo.

Falamos acerca da redenção. Gostamos muito de cantar "Remido! Oh, quanto eu gosto de o proclamar! Redimido pelo sangue do cordeiro ...". Mas o que é que isto significa? Precisamos de ir em cada dia aos pés da cruz, reconhecidos pelo que Cristo fez por nós, arrependidos da nossa indignidade e reclamar para nós próprios a justiça de Cristo, sabendo que não nos conduzirá unicamente a uma melhor vida aqui mas à esperança e promessa da segunda vinda.

O que é que "cedo" quer dizer?

"Certamente cedo venho" - Apoc. 22:20. O que é que Jesus quis dizer com estas palavras há quase 2.000 anos atrás? A passagem de tantos séculos não parece enquadrar-se na palavra "cedo". Primeiro, nós somos seres finitos e a nossa concepção do tempo é limitada. Para criaturas que vivem

"setenta anos" a nossa noção do tempo não é a mesma de Deus. Para uma criança, um ano parece a eternidade, mas para um adulto um ano escapa-se num piscar de olhos. Porquê? O tempo, em si mesmo, não mudou. Passa da mesma maneira. Somente a nossa percepção do mesmo é que mudou.

Segundo, a nossa compreensão do estado dos mortos ajuda-nos, realmente, a conhecer o que os escritores bíblicos, até mesmo o próprio Jesus, tinham em mente quando falavam acerca da proximidade do segundo advento. A vinda de Cristo não é mais do que um momento para além da morte.

Morremos - dormimos na morte. A próxima coisa que saberemos e ouviremos é a voz do anjo a chamar-nos do pó para um corpo imortal no momento da vinda de Jesus; quanto temos que agradecer pelo que Jesus fez por nós no Calvário!

Neste sentido, a vinda de Cristo está perto - quer estejamos vivos ou mortos. Assim, os Adventistas do 7º Dia não devem permitir que a faísca, a esperança, a promessa da sua segunda vinda desapareça rapidamente e morra. A segunda vinda é a esperança que queimava no interior dos corações e mentes dos nossos pioneiros há cerca de século e meio. Que esta chama possa queimar, ainda hoje, os nossos corações.





Dia Mundial da Mulher

Dr. Daniel Esteves
Médico

Foram vários os comentários que ouvi ou li relacionados com o **Dia Mundial da Mulher**.

Nalguns deles, os respectivos autores foram rebuscar as lembranças de mulheres que, devido aos seus feitos, afirmavam eles, tenham ascendido à condição de heroínas. Foram as lutas sociais, as revoluções, as guerras; e os exemplos sucediam-se num alarde de “cultura e saber”, intencionalmente com o objectivo de vincar a diferença entre o leitor, um comum dos mortais, com as limitações culturais inerentes a um povo com muita impreparação e muito mais ausência de sede de conhecimentos e o escrevinhador, ele sim, um ser eleito por se assumir apoiado no pedestal da mais “impressionante” cultura.

Mas será necessário procurar heroínas na História?

Parece-nos ser esta uma atitude desnecessária, inconsequente e totalmente dessintonizada da realidade.

Não será a mulher, pelo facto de ser *mulher*, já uma heroína?

Não é ela uma heroína ao partilhar connosco a sua vida com todas as incertezas e dificuldades, mantendo a esperança que alumia os dias mais cinzentos?

Que dizer daquela que avança para a maternidade com o encanto do seu amor e a humildade da consciência das suas limitações, vendo no seu filho recém-nascido, não o bebê dos seus encantos, mas o Homem que vai criar?

Como classificá-la em face das noites mal dormidas, dos incômodos sempre suportados e da sua resistência a cada passo renovada, desde que ouve a palavra mágica “mamã”!?

Será razoável considerá-la doutra forma quando, discreta mas eficazmente, nos transmite o encanto da sua beleza, a maturidade do seu conselho, a ternura do seu afecto recebendo em troca uma mão cheia de nada?

Pode haver palavra que melhor a caracterize quando, alegremente, faz o milagre de multiplicar os tostões que cada vez são

um “ar natural” como se nada de extraordinário tivesse realizado?

E quando, dia após dia, inicia uma mesma rotina, o cuidado do lar, tão mal considerado por aqueles que mais directamente beneficiam da sua acção?

E ao aceitar a escravidão moderna, devidamente institucionalizada de ser uma profissional competente, mas discriminada; uma esposa cansada e incompreendida, mas espalhando felicidade; uma dona-de-casa de responsabilidade inteira a tempo reduzido?

E esta é apenas a mulher banal, aquela que conhecemos do dia-a-dia, aquela que entrando na nossa vida recebe, em troca, indiferença, exercício execrável da nossa “autoridade”, exigências sobre exigências e, quantas vezes, uma atitude de falsa condescendência traduzida pela expressão “coisas

ria um deserto. Um deserto sem as flores do seu sorriso, tantas vezes orvalhadas pelas suas lágrimas. Um deserto sem a ternura que humaniza o nosso **modus-vivendi**. Um deserto sem a expectativa que sabe manter viva quando todas as evidências apontam para a desilusão e tristeza. Um deserto sem a capacidade de sofrer com quem sofre, de perdoar a quem caiu, em suma, um deserto sem o seu amor.

Heroínas não existem apenas na História, estão ao nosso lado, afagaram a nossa cabeça no passado, moram nas nossas casas sejam elas grandes ou pequenas, ricas ou pobres, cruzam os nossos caminhos, muitas vezes sem outra possibilidade que não seja heroicamente, estenderem a mão à caridade.

Louvemos a Deus e agradeçamos-Lhe as mulheres que colocou nas nossas vidas, as que nos deram o ser, aquelas que cresceram connosco como nossas irmãs, aquelas que vivem as nossas existências como esposas e aquelas que nos admiram como filhos. Não esqueçamos que a mulher é a corporização das soluções que Deus viu serem necessárias para o homem, ao dizer: “Não é bom que o homem esteja só”.

Que sintamos todos o mesmo júbilo que possuiu Adão, afirmando com ele, quando nos dirigimos àquelas que são as nossas companheiras, as nossas heroínas; “Esta sim, é o osso dos meus ossos, carne da minha carne”. Que tenhamos a inteligência de compreender que a mulher é a versão revista e corrigida, por Deus, do homem, por ele tornada imprescindível a cada um de nós. ♣



mais insuficientes para proverem o sustento da família, assumindo

de mulheres”.

Sem ela a nossa existência se-



Halliwell

O Herói do Amazonas

Por Clarence Hall

Um dia uma pequena lancha branca saiu do curso central do Amazonas e subiu por um estreito afluente ostentando, galhardamente, uma pequena bandeira com o emblema de uma mão empunhando uma tocha. Ao leme ia um homem atarracado, cujos olhos penetrantes sondavam as clareiras que apareciam, de quando em quando, ao longo das margens.

De repente, saindo de uma cabana de sapé, apareceu uma mulher agitando freneticamente uma toalha. O timoneiro imediatamente dirigiu a proa do barco para a margem. Mal este encostou, apanhou uma mala preta e saltou para terra.

No casebre, um homem gritava de dor. Acabava de ser mordido no pé por uma surucucu, a mais venenosa das cobras da Amazônia. Os vizinhos

preparavam apressadamente uma fogueira para lhe queimarem o pé até o carbonizarem completamente - tratamento usual para mordeduras de cobra nessa remota região. O homem do barco encheu uma seringa de soro antiofídico, aplicou uma injeção . . . e o salvou.

Este homem era Leo Halliwell, missionário adventista. Sem diploma de médico ou mesmo de farmacêutico, levava medicamentos modernos aos

esquecidos habitantes do vale amazónico. Manobrando o seu posto médico rio abaixo, rio acima, numa extensão de 1.600 Km, entre Belém e Manaus, percorrendo uns 19.000 Km por ano. Halliwell tratou mais de 250.000 brasileiros e indígenas sul-americanos de uma infinidade de moléstias tropicais e outras. E mais do que tudo, ajudou a despertar o Governo Brasileiro para o facto de que, das muitas riquezas da região, a mais importante era o povo; a sua saúde poderá muito bem decidir se o fabuloso potencial da Amazônia deverá ser desenvolvido ou ficar inexplorado.

Durante a sua juventude, a ideia de ser missionário nunca lhe passou pela cabeça. Com bastante jeito para coisas de mecânica, estudou para engenheiro electricista na universidade. Mas, um dia, quatro anos após a sua formatura, ouviu histórias emocionantes contadas por um missionário no Peru. Num impulso, requereu uma missão. Pouco tempo depois, ele e a sua esposa Jessie, enfermeira diplomada, estavam a caminho da Bahia.

Na Bahia, os chefes da missão constataram que tinham um recruta fervilhante de energia, imaginação e habilidade. Se lhe perguntavam porque procurava tão ansiosamente novas terras, ele respondia que estava apenas à procura de *latitude*. Obteve latitude de sobra quando o convidam a iniciar a sua obra no norte do Brasil.

Os Halliwell puderam ver quanto era grande o seu cam-

po de acção quando chegaram a Belém, perto da foz do Amazonas, com os seus 333 Km de largura. O seu campo de trabalho compreendia toda a bacia do Ama-



zonas, quase tão grande como o continente europeu.

O Rio Amazonas era impressionante: tão profundo que os navios transatlânticos podiam navegar nele até 3.700 Km da sua foz, tão largo, que era preciso viajar mais de 640 Km, corrente acima, antes de estreitar para pouco menos de um Km de largura. Recebe uma rede de mais de 500 afluentes, muitos deles com mais de 1.500 Km de comprimento. Distribuídos ao largo desses cursos de água vivem dois milhões de pessoas: uns 300.000, calcula-se, são índios da Idade da Pedra, o resto, um amálgama racial de portugueses, índios e negros.

Passa alguns meses em

Belém, Halliwell sobe o rio de lancha e canoa a fim de conhecer os seus dispersos paroquianos. Fica consternado com a pobreza, as superstições do povo e, especialmente, com as doenças que tinham. As suas forças eram minadas pela malária e pela má alimentação; as suas vidas encurtadas pela varíola, a sífilis e a lepra; a sua existência ameaçada por cobras venenosas, jacarés, onças e outras feras. Não havia um só médico em toda aquela floresta selvagem.

Tendo resolvido ajudar essa gente, aproveitou a sua licença nos Estados Unidos, para fazer um curso de doenças tropicais de seis meses. Jessie, por sua vez, recapitulou os seus conhecimentos de obstetrícia, nutrição e higiene. Falaram a grupos nas igrejas e angariaram dinheiro para a sua "aventura amazónica".



De volta ao Brasil, Leo traçou os planos para a construção de um barco de fundo chato, com nove metros de comprimento e três de largura máxima. Ele mesmo construiu o casco com madeiras de lei das florestas amazónicas, colocou o motor e fez a instalação eléctrica. Deu-lhe o nome de *Luzeiro*, abasteceu-o de quanto pôde comprar ou obter gratuitamente de quinino, sal amargo, pomadas e ligaduras, e partiu com Jessie.

Leo conhecia menos de navegação do que de medicina, e isso fez com que se visse em algumas situações perigosas antes de se acostumar às correntes traiçoeiras e caprichosas do Amazonas.

Os caprichos dos indígenas eram igualmente difíceis de entender. A maioria das tribos, fugindo ao avanço do homem branco, localizava-se nas cabeceiras dos afluentes do Ama-

zonas. Vivendo uma existência primitiva, muitos deles resistiam com zarabatanas e flechas envenenadas à invasão de estranhos. À vista do *Luzeiro*, no Rio Andirá, os índios da tribo dos Maués fugiram aterrorizados. Nunca tinham visto uma "canoa" daquele tipo. Halliwell tirou então da equipagem o seu gira-discos e o pôs a tocar um disco. Por fim, os índios saíram da mata e agruparam-se em volta do aparelho. Ficaram igualmente espantados com os efeitos milagrosamente rápidos do quinino sobre a malária, febre que então grassava na aldeia.

Os Halliwell não tardaram a aprender que deviam iniciar a sua odisséia anual, rio acima, nos princípios de

Fevereiro; o período das cheias ocorria de Maio a Junho; esta era a época do ano mais propícia para se contactar os habitantes mais afastados da região. A enchente criava também as maiores necessidades. A cheia era, inevitavelmente, época de tragédias para os habitantes do Amazonas; a floresta ficava inundada e as casas eram arrastadas pela torrente. Em cada viagem, Halliwell avisava o povo sobre a data aproximada da sua volta, pedindo-lhes que pendurassem, como sinal de que precisavam dele, uma toalha branca.

A mais séria ameaça à saúde na Amazónia era a malária. Cada vez que atracava a lancha, Halliwell era recebido por pessoas indiferentes, semi vivas, ardendo em febre. Certa vez, foram chamados por um ho-

mem que se aproximou numa canoa e os conduziu para uma casa que consistia num só quarto com um grande poste central sustentando um telhado de sapé. Estendidas do poste às paredes, como raios de uma roda, havia 22 redes. Em cada uma delas havia uma pessoa ardendo em febre. Quando Leo acabou de tratá-las, já se tinha espalhado a notícia e estavam a chegar canoas às dezenas. Umas, transportavam doentes, outras, mensageiros pedindo-lhe para visitar familiares ou amigos.

Ao deixar os seus medicamentos com as pessoas, Halliwell aprendeu a dar instruções bem claras sobre o seu uso. Certa vez, voltando depois de três dias, a esposa dum paciente disse-lhe que o marido tinha tomado, de uma só vez, todas as 67 pílulas de quinino. Halliwell perguntou ansiosamente:

- Ele morreu ?

- Oh, não! - respondeu a mulher. Ficou com um pequeno barulho nos ouvidos, mas melhorou. Está no campo a trabalhar.

No princípio os Halliwell tinham

de comprar remédios com os magros recursos que a missão lhes fornecia. A sua caixa de remédios era abastecida pelos departamentos de Saúde pública do Pará e do Amazonas e por médicos e casas farmacêuticas dos Estados Unidos. Durante a Segunda Guerra Mundial, quando era quase impossível obter quinino, um comerciante de drogas da Argentina chamou Halliwell ao seu escritório. Abriu um grande depósito, indicou várias pilhas de quinino e disse:

- Veja bem.

Em cada pacote estava escrito o nome de Halliwell

- É todo o nosso stock - disse. - Mas quero que o senhor o leve.

Os governadores de vários estados brasileiros fizeram generosas contribuições particulares para Halliwell. Um deles disse: Ninguém está a fazer tanto pelo meu povo. Deixe-me ajudar.

Em geral, os Halliwell evitavam tratar doenças complicadas e aconselhavam a remoção dos doentes graves para a cidade mais próxima. A vida na floresta é cheia de casos de emergência. Certa vez, quando desciam um rio, ouviram gritos. Um jacaré tinha mordido uma jovem que lavava roupa no rio. O irmão golpeou a cabeça da fera até largar a presa, mas a jovem ficou horrivelmente ferida. Halliwell tratou os ferimentos e salvou-lhe a vida.

Raramente Halliwell encontrou oposição da parte dos médicos brasileiros. Apesar de não ser profissional de saúde, frequentemente sociedades médicas pediam o seu auxílio e conselhos.

Alguns índios, entretanto, opuseram-lhe resistência. Caetano, chefe dos Maués, cedeu de boa vontade terreno para uma escola que Halliwell iniciou com o auxílio dum professor

brasileiro, mas desdenhou os remédios e a religião do gringo. Tempos depois, a aldeia foi assolada por uma epidemia de varíola. Caetano permitiu que Halliwell vacinasse todos os sobreviventes... excepto a si mesmo; não permitiu que o branco lhe picasse o braço. Na próxima visita dos Halliwell, meses depois, encontraram o velho chefe na sua cabana, coberto de bexigas; com lábios ressequidos, murmurou:

- Eu estava enganado. Quando veio



a doença, fui o único homem que a contraiu. Por favor, vacine-me.

O resultado não se fez esperar. Recuperou a saúde e aceitou a Salvação oferecida por Deus através deste seu servo e tornou-se num grande auxiliar na evangelização de outras tribos. A escola e a igreja da aldeia dos Maués prosperaram ... da mesma forma que muitas outras fundadas pelos Halliwell na Amazônia.

Afim de alcançar ainda mais gente, Leo equipou o *Luzeiro* com um gerador que fornecesse força para um projectador sonoro. Usando diapositivos e filmes coloridos em português, os Halliwell davam aulas, regularmente, em clareiras nas margens dos rios. Acorriam multidões para ver e ouvir; muitas pessoas viajavam horas de canoa para chegarem à escola da floresta, onde aprendiam, entre outras coisas, sobre nutrição e aconselhados a plantar hortas afim de

completarem o seu regime alimentar, pobre em vitaminas.

Um dia Halliwell notou várias crianças com as gengivas sangrentas. Era escorbuto. Perto da cabana havia limoeiros. Halliwell apanhou alguns, espremeu-os em chá e convenceu a mãe a dar essa bebida regularmente às crianças. Mais tarde voltou e encontrou as crianças com as gengivas curadas.

Jessie obteve de uma amiga de Manaus, algumas sementes escolhidas de toranja e distribuiu-as para plantarem e assim combaterem a deficiência de vitamina C.

A longa batalha dos Halliwell contra as devastações da malária produziu o seu efeito.

Halliwell, tendo como único capital a sua fé, abriu uma clínica minúscula em Belém e chamou um médico brasileiro para a dirigir. Esta clínica está transformada num hospital completamente equipado.

- Um dia, Leo Halliwell foi informado de que precisavam dele no Rio de Janeiro, para su-

perintender a obra de lanchas médicas da sua missão em toda a América do Sul. Com muitos rodeios Halliwell propôs o assunto a Jessie. Não havia gente no Amazonas, com tantas lanchas e todos aqueles missionários e igrejas? Além disso, estavam a ficar velhos. Não seria mais agradável morar nalgum lugar como, por exemplo, o Rio de Janeiro?

Jessie teve um sorriso de compreensão.

- Quando partimos, Leo ?

Assim, aos 65 anos, quando a maior parte das pessoas se prepara para descansar, os Halliwell começaram tudo de novo.

- Leo - observou um colega quando se despedia deles - continua a procurar "latitude?"

Para Facilidades e Dificuldades

Pedro Fonseca
(Pr. Ig. Aveiro)

Quando eu era adolescente, os que ensinavam os mais novos falavam muito de perseguições. Os nossos programas na Igreja tinham que falar nelas para serem bons. Falava-se na Igreja, mas sobretudo nos acampamentos. "Pistas" e outros programas queriam-se duros, por vezes até à exaustão, para nos prepararmos para as perseguições que o povo de Deus terá de enfrentar no futuro.

Tudo começou quando em 1907 um oficial britânico, Baden Powell (BP), começou a organizar acampamentos com rapazes, em Inglaterra. Este oficial tinha servido na Índia e em África e tinha observado como os jovens autóctones desenvolviam inúmeras habilidades e, embora com poucos recursos materiais, eram felizes. Ao regressar à Europa e observando como os jovens ingleses, com a rígida educação britânica, estavam tão pouco à vontade com a vida, começou a elaborar programas que conciliassem instrução e educação com a arte de viver. Duas coisas preocupavam BP: o carácter e a fé. Ele afirmava que *"nem o carácter, nem a religião são objecto de ensino que se possa ministrar colectivamente a uma turma."*⁽¹⁾

E foi em lugares parecidos com as florestas indianas e africanas onde os jovens viviam à volta de tendas, rodeados de árvores e lagos, que BP começou a aplicar o seu método pedagógico: conciliar a aprendizagem teórica com a natureza para permitir ao jovem, descobrindo as suas potencialidades e respirando ar saudável e puro, chegar à compreensão do Criador, através da partilha de experiências e vivências.

Sabe-se há muito que não se desenvolve a inteligência obrigando a criança a decorar um amontoado de conhecimentos. Isto constituirá, quando muito, um verniz exterior que pode ser útil no decorrer de um exame, mas que de modo algum pode encontrar respostas para as questões que a vida põe.

Para triunfar na vida, a criança terá que fazer prova do seu carácter. Quer

isto dizer que, perante um obstáculo ou em face duma opção, terá que ponderar a situação, formar uma opinião, determinar um objectivo, ajuizar quais os meios convenientes para o atingir... e passar à acção com clarividência e tenacidade.

Nada disto se aprende nos livros, o que não significa que os conhecimentos teóricos sejam inúteis. Mas se a instrução tem por fim fazer adquiri-los, a educação propõe que os utilizemos com uma certa arte de viver. Ela parte do íntimo do ser, exprime-se de dentro para fora.⁽²⁾

Estas ideias encontraram rapidamente eco nas camadas juvenis. BP começou a formar chefes que dirigissem os jovens e, após a 1ª guerra mundial, foi-lhe sugerido que publicasse as suas notas sobre a educação dos rapazes por meio do escutismo.

Algumas décadas antes, nos Estados Unidos, tinha surgido o movimento adventista e nas nossas igrejas, jovens e adultos procuravam um modelo para organizar pedagógica e espiritualmente a nossa juventude. Harry Fenner e Lutero Warren foram os pioneiros. Iam frequentemente para o campo orar e pensar, tendo-se até tornado célebre um carvalho debaixo do qual eles se reuniam, em Hazelton, no estado do Michigan.

Outros jovens, rapazes e meninas, começaram a ir às reuniões que se tornaram, entretanto, semanais. O departamento de jovens é organizado em 1907 na conferência de Gland, Suíça, e quem ler o que os nossos pioneiros, inclusive Ellen White, escreveram nessa altura para os jovens, vai ficar admirado ao ver que as ideias adventistas e as de BP estavam muito próximas.

Podemos resumir a ambição de um desenvolvimento global da juventude em cinco fins educativos:

1- O Carácter

Hoje fala-se mais de "personalidade", isto é, a relação consigo mesmo. Muitos jovens estão pouco à vontade consigo próprios. Conhecem-se mal a si

mesmos e, ou não fazem escolhas, deixando essa faculdade a outros, ou então deixam-se fascinar por toda a espécie de ilusões. Ideologias em moda, músicos do efémero, para alguns até álcool e drogas acabam por determinar, muitas vezes, a fé e o futuro de muitos jovens.

As actividades preparadas para a juventude adventista preparam as crianças para serem capazes de assumir responsabilidades, a lutar por fazer da sua vida um projecto, a descobrir que podem vir a ser algo de importante e bonito.⁽³⁾

As nossas crianças e jovens precisam de programas regulares que vão neste sentido. Elas são algo tão especial que não deveríamos perder uma só oportunidade, um só sábado de manhã ou de tarde, um só domingo de manhã, um só acampamento, para apelar à sua participação e criatividade. Os nossos pioneiros insistem muito na regularidade dos programas de jovens na Igreja para que a criança desenvolva a sua personalidade e a sua fé.

2 - A Actividade Manual ou Habilidade Manual

Hoje fala-se muito de criatividade, relacionamento com o mundo material, os objectos. O homem moderno tornou-se um consumidor passivo e a felicidade mede-se, muitas vezes, pela quantidade de coisas possuídas, por uma espécie de padrão-dinheiro.

Os jovens estão a perder a oportunidade de inventar, de criar, de utilizar a sua inteligência e as suas mãos⁽⁴⁾. São esmagados pela quantidade de objectos que têm ou pelo desejo de os obter.

As actividades dos jovens propõem uma filosofia de vida que luta contra este sistema de valores e o melhor lugar encontrado para ensinar a criança a exercer a sua criatividade e inteligência prática é a natureza. Lugar onde todas as crianças são iguais, onde as roupas, comuns ou de marca, não contam, onde

os electrodomésticos não mandam, onde se vive ao ritmo de pássaros e estrelas. Ora, é precisamente isso que os nossos pioneiros queriam para a formação dos nossos jovens.

3 - A Saúde e o Desenvolvimento Físico

Dito de outro modo: a relação com o seu corpo. Higiene e medicina progrediram muito mas a saúde nas nossas sociedades modernas está ameaçada. As populações concentraram-se nas cidades onde as agressões que arruinam o nosso equilíbrio físico e mental são constantes. Trabalho mecanizado, barulho, super alimentação, poluição, imoralidade, insegurança, consumo de drogas e medicamentos a um ritmo assustador...

Ensinar a alimentar-se saudavelmente, a descontraír-se, a encontrar os ritmos equilibrados e naturais, a exprimir-se, a respirar, a andar, são tarefas urgentes para os educadores de hoje. ⁽⁵⁾

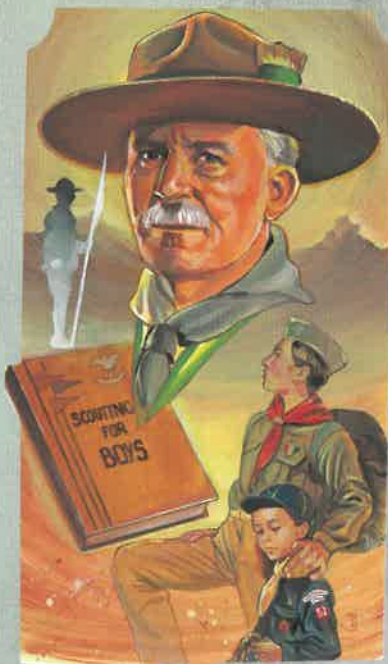
4 - O Serviço dos Outros

Hoje falta solidariedade. Vivemos na época da "multidão solitária". Nunca a urbanização se desenvolveu como agora mas também o isolamento e individualismo nunca foram tão generalizados. Precisamos recriar a solidariedade e as relações comunitárias. Aprender a viver em grupo, a trabalhar em equipa, a tomar decisões em comum, a militar ao serviço dos outros ⁽⁶⁾. Não podemos ir à Igreja ao sábado de manhã e sair com a sensação "já está". O bem mais precioso que Deus nos confiou são as nossas crianças e elas precisam do nosso acompanhamento. Mas também os nossos doentes precisam de nós e, se calhar, tantos outros na cidade. Servindo seremos certamente mais felizes.

5 - A "Felicidade"

A verdadeira felicidade é encontrar o Deus criador ⁽⁷⁾ como B.P. gostava de dizer. Hoje ainda há quem pense que o aumento do poder de compra de cada cidadão será suficiente para resolver os problemas das nossas sociedades. As gerações jovens procuram, no entanto, confusamente, um sentido para a vida, perante o vazio espiritual que sentem à sua volta.

O novo gosto pelo oriente e as filosofias *new age*, mesmo as que estão à margem de qualquer fé, as seitas que surgem propondo o absoluto, a droga, os grupos herméticos ligados à música



ou ao futebol, os movimentos liceais, etc., são disso reveladores. É no meio de todas estas desilusões que a história vivida em comum por um grupo orientado para um projecto cristão pode ser ocasião de esperança. Através da partilha uns com os outros acreditamos ser possível um encontro mais vivo com Jesus. Os programas têm este objectivo primordial - levar a criança ou o jovem a encontrar através da fé que tem, e da que outros têm, o sentido ou o caminho de Deus, optando assim pela verdadeira felicidade.

Estes cinco fins educativos que se encontram claramente definidos nesse programa extraordinário a que a nossa Igreja chamou "Classes Progressivas": a base do nosso projecto traduz-se, finalmente, em programas e jogos. As crianças e jovens associam-se em grupos de jogo e é no interior desses grupos ou pequenas equipas que eles vão ter ocasião de exprimir os seus pontos de vista, decidir regras, jogar em conjunto. E à medida que os jovens forem crescendo, estes grupos poderão tornar-se associações de pessoas, gente que vive e partilha ideais em comum, equipas para a vida. E a fé deve ser apresentada como um jogo divertido, cheio de experiências e aventuras onde Deus está sempre mais além e onde há sempre algo mais a aprender com Ele e sobre Ele, mas um jogo que precisa ser jogado regularmente nas nossas igrejas e programas.

Eu não sei quem inventou essa teoria das perseguições; esta está profundamente errada. Essa ideia não estava no espírito dos nossos pioneiros ao organizarem as classes progressivas, os MV,

os nossos primeiros acampamentos e as aventuras nos bosques é tanta coisa mais! Pensemos, por um instante, nessas gerações de jovens que, desde tenra idade, foram preparados para a vida e para a fé com esta ideia errada. Quantos se recordam hoje das técnicas que aprenderam? Quantos suportarão uma caminhada de vários Km? Quantos serão capazes de reconhecer os sinais de pista numa noite escura no meio de um bosque? Quantos estão a ensinar o que viveram a outros mais novos?

Eu sei, a profecia fala de dificuldades, o apóstolo João no seu livro de Apocalipse fala de poderes ditatoriais e, como tal, perseguidores, que se oporão aos que crêem em Deus. Eu sei, ele dá a entender que isso será no futuro, talvez no nosso presente. Mas, mesmo que eu tente imaginar essas coisas, Deus lembra-me sempre Elias, que cheio de medo fugiu de um poder perseguidor indo para um lugar difícil, mas onde os Seus anjos cuidaram dele ⁽⁸⁾. João fala algo parecido; David nos Salmos, canta a protecção de Deus ⁽⁹⁾. Ele que viveu momentos tão difíceis perseguido pelo rei Saul. O nosso Deus é quem nos conduz e é Cristo, grande comandante a que a profecia chama Miguel, quem combate por nós. Não são as pistas que nos prepararão para eventuais dificuldades no futuro. Do que nós precisamos é de desenvolver um carácter participativo, criativo, num corpo saudável que posto ao serviço dos outros me fará sentir feliz e descobrir a suprema felicidade - Deus! Que é também a suprema segurança. Porque a fé é uma maneira de viver. Não se aprende a fé. Vive-se a experiência da fé em contacto com outros crentes, sem nunca acabarmos por descobrir o que ela é. Porque ela é, sobretudo, um movimento em direcção a alguém. É a fé em Cristo que me levará, se calhar através de dificuldades até onde Cristo aguarda por mim.

Se a Igreja desenvolver estes cinco fins educativos, então estará preparada para facilidades e dificuldades. Porque estará sempre a caminhar em direcção a alguém. Alguém sempre novo, sempre especial.

1 - Baden-Powell Hoje, pistas para um educador no escutismo, ed. do Corpo Nacional de Escutas, 1979, p.13

2 - Idem

3 - Ibidem, p. 24

4 - Ibidem

5 - Ibidem, p. 25

6 - Ibidem

7 - Aids to Scouting, Baden Powell

8 - I Reis 19

9 - Salmo 23; 37:5; 91



Ilídio N. Carvalho

(Pr. Ig. Queluz)

Cristo e as Festas Solenes

Quando lemos o livro do Levítico encontramos a menção de algumas festas solenes ordenadas pelo Senhor - Lev. 23:1-44. Havia três grandes festas ao longo do ano: **Páscoa - Pentecostes e Tabernáculos** ⁽¹⁾. Para o que nos interessa para aqui iremos ver unicamente as duas primeiras.

Páscoa - Lev. 23:5

A Páscoa era observada no dia 14 do 1º mês (Nisan). Esta festa foi instituída para comemorar a libertação do cativeiro no Egito. No 10º dia deste 1º mês era escolhido um cordeiro e este era guardado até à tarde do 14º dia - Êx. 12:3-6. O sangue do cordeiro era aspergido nas umbreiras das portas, visto que este aspergir significava “passar por cima em misericórdia” - Êx. 12:13. Mediante o sangue de Cristo tem havido um “passar por alto” os pecados cometidos anteriormente - cf - Rom. 3:25. Por esta razão, o apóstolo Paulo revela o que Cristo representa, neste contexto, para o pecador “(...) Cristo a nossa Páscoa (...)” - I Cor. 5:7. A morte do cordeiro proferia assim o meio de salvação e a aplicação do sangue torna eficaz o meio provido.

Neste dia 14 marcava-se também uma certa porção de um campo de cevada para ser cortada, para que no dia 16 fosse apresentada. Os molhos feitos eram atados num só e apresentado perante o Senhor como “um molho das

primícias e este será movido pelo sacerdote.” - Lev. 23:11. Enquanto isto acontecia, Israel não podia servir-se de nenhum dos frutos do campo. Esta era, por assim dizer, uma oferta de apresentação dos **primeiros frutos**. Encontramos aqui uma referência a Cristo “(...) Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda” - I Cor. 15:23. Podemos elaborar, desde já, uma primeira comparação. O cordeiro morria no dia 14 à tarde e a 16, isto é, “ao dia seguinte ao Sábado” - era apresentado o molho das primícias diante de Deus” - Lev. 23:11. Cristo morreu na Sexta-feira à tarde ⁽²⁾, no dia 14. **Repousou** no sepulcro durante o Sábado e “no dia seguinte, ao Sábado” sendo “Cristo as primícias” **ressuscitou** dos mortos e **apresentou-se** perante Deus, o Pai, para receber a aceitação - João 20:17. Portanto, as Escrituras cumpriram-se à letra. Cristo ressurgiu dos mortos como as primícias dos que dormem (morreram). Era, Cristo, representado pelo molho movido e a sua ressurreição ocorreu no próprio dia em que devia ser apresentado perante Deus.

Pentecostes - (Lev. 23:15-16)

Esta festa realizava-se 50 dias após a apresentação do molho movido no dia 16 - “depois, para vós, contareis desde o dia seguinte ao Sábado, desde o dia em que trouxeste o molho da oferta movida; 7 semanas inteiras serão. Até ao dia seguinte, ao 7º Sábado, contareis 50 dias; então oferecereis nova oferta de

manjares ao Senhor. Das vossas habitações trareis 2 pães de movimento; de 2 dízimas de farinha serão, levedados se cozerão; primícias são ao Senhor.” - Lev. 23:15-17.

Assim, na Páscoa, o molho movido era apresentado no princípio da colheita antes que alguma coisa, da nova produção, fosse usada. Depois vinha a festa do Pentecostes no fim da ceifa que representava o reconhecimento pelo povo da sua dependência de Deus como doador de todas as dádivas. Aqui, nesta festa, não era, a exemplo da Páscoa, apresentado um molho ... mas 2 pães de farinha movidos, cozidos com fermento, juntamente com 7 cordeiros sem mancha, um novilho e 2 carneiros.” - v. 18. Recorde-se que, na celebração da Páscoa, era recomendado que nada se deveria comer com fermento - Êx. 12:18-20. Aqui, no Pentecostes, deviam-se apresentar 2 pães e, contrariamente à festa da Páscoa, até era recomendado - “**levedados** se cozerão” - Lev. 23:17.

Portanto, uma vez mais, o simbolismo é perfeito: o molho movido representava - “Cristo, as primícias” - I Cor. 15:20, pois estava isento de pecado - simbolizando o “sem fermento”. No Pentecostes, o pão apresentado é obra das mãos dos homens, logo, imperfeita. Este pão continha fermento, símbolo da imperfeição, do pecado. Mas, apesar disso, esta oferta era aceite pois esta era movida perante o Senhor - “com 2 cordeiros” - v. 20. O Pentecostes simboliza a renovação da aliança, o derr-

mamento do Espírito Santo ⁽³⁾. Perante o que vimos, desde a Páscoa até ao Pentecostes, decorriam 50 dias “depois do molho movido ser apresentado perante o senhor”. Assim, entre a **Ressurreição de Cristo** - “as primícias” - e o derramamento do **Espírito Santo** no Pentecostes deveriam decorrer também 50 dias - o paralelo é perfeito!

A Identificação

Segundo o que analisámos até aqui, entre a Ressurreição e o derramamento do Espírito Santo - Pentecostes - deveria ocorrer uma espera de 50 dias para o total cumprimento da promessa. Sabemos, pelo autor da carta aos Hebreus, que Cristo, após a sua ressurreição entrou no Santuário Celeste para officiar na qualidade de Sumo-Sacerdote - “Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus” - Heb. 9:24. Será que Jesus, uma vez mais, cumpre a totalidade do ritual que apontava para ele próprio, identificando-se com ele? Vejamos algumas etapas:

1ª - Segundo o texto “desde o dia seguinte ao Sábado contareis 7 semanas inteiras” - Lev. 23:15.

2ª - Ausência e actividade desconhecidas durante este tempo de contagem.

3ª - Outra etapa - “(...) depois se apresentou vivo, sendo visto por eles por espaço de 40 dias” - Act. 1:3

4ª - De novo - “(...) vós sereis baptizados com o Espírito Santo não muito depois destes dias” - Act. 1:5

5ª - E, finalmente - “E cumprindo-se o dia de Pentecostes” - Act. 2:1

À luz destas 5 etapas encontramos:

1º - 1º dia da ressurreição - **Domingo** - dia seguinte ao Sábado.

2º - Lاپso de tempo e actividade não conhecida.

3º - 40 dias durante os quais foi visto.

4º - “Não muito depois destes dias”.

5º - 50 dias - cumprimento da promessa.

**No Pentecostes, o
pão apresentado é
obra das mãos dos
homens, logo,
imperfeita. Este pão
continha fermento,
símbolo da imperfeição,
do pecado.**


Entre a ressurreição e o Pentecostes, além do que acabámos de mencionar, sabemos muito pouco. Façamos um pequeno gráfico para que nos apercebamos do que se trata e assim tentarmos encontrar uma resposta para os “vazios” no tempo, visto que só nos é dito: 1º dia (?) + 40 dias + (?) = 50 dias (Pentecostes). Estas ausências terão alguma coisa que ver com Jesus para que possamos encontrar a resposta às interrogações e substituí-las por números? Vejamos:

1º dia (lapso de tempo) + 40 dias + “não muito depois” = 50 dias

Nos textos que mencionam a ressurreição de Jesus, portanto, apontando para o 1º dia da contagem para o Pentecostes, são omissos quanto ao que aconteceu entre o 1º e o 8º dia. Somente o evangelho de João menciona que neste espaço de tempo Jesus esteve ausente da Terra. O texto refere - “Não me detenhas porque ainda não subi para meu Pai (...) e 8 dias depois chegou Jesus (...)” - João 20:17,26. Depois,

durante 40 dias foi visto. Incluído nestes 40 dias está o 1º dia da sua ressurreição, no qual foi visto. Por dedução, Jesus esteve ausente durante **7 dias!** O texto que revela que - “O Pentecostes dar-se-ia **não muito depois** daqueles dias” - Act. 1:5 - refere-se, esta parte do texto, obviamente, por exclusão de partes, aos restantes **3 dias**. Assim, encontramos descodificado o quadro acima exposto, prefazendo a soma das diferentes partes, isto é: **7 + 40 + 3 = 50 dias**.

A grande pergunta reside, claro está, pois ela salta aos olhos - onde esteve Jesus desde que ressuscitou até que apareceu no 8º dia? Qual o motivo de 7 dias de ausência? Pensamos que o sacerdócio levítico que se realizava no santuário terrestre era, como a epístola aos Hebreus o refere, uma figura do sacerdócio de Jesus no santuário celeste. Quando nos debruçamos sobre o ritual levítico encontramos uma cerimónia que consagrava Arão e os seus filhos para exercerem o ministério sacerdotal. O texto bíblico revela que “ficareis à porta da tenda da consagração dia e noite por **7 dias**” - Lev. 8:33-35. “Nesta altura Arão e os sacerdotes estão unidos para seguirem as instruções divinas e para dar início à história do serviço sacerdotal (...) decorrido o período de consagração, o novo sacerdote israelita entrou no seu ministério público (...) agora, o trabalho é atribuído àqueles que foram escolhidos e dedicados a ele” ⁽⁴⁾.

Ao retomarmos a leitura das Escrituras encontramos a expressão “(...) e ao 8º dia” - Lev. 9:1. Expressão semelhante à que encontramos no Novo Testamento em João 20:26. Portanto, a exemplo do sacerdote levítico, Jesus, **durante 7 dias** foi entronizado como Sumo-Sacerdote no céu para ali interceder por nós - cf. Heb. 7:25. 

1- André Chouraqui - *A Vida Quotidiana dos Hebreus no Tempo da Bíblia*, p. 162

2- J. Jeremias - *La Dernière Cène*, p. 23

3- André Chouraqui, *Idem*, p. 163

4- R. K. Harrison - *Levítico*, p. 94



Explica A Natureza do Homem

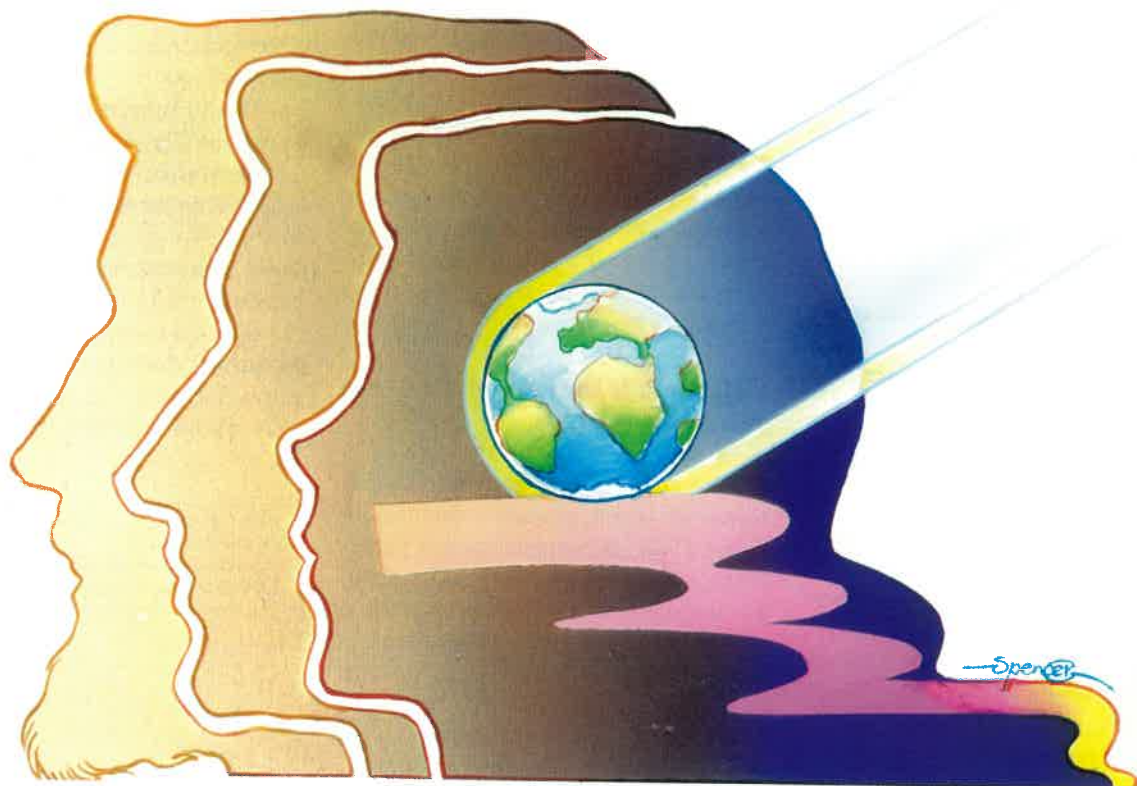
- Avô, fala-nos um pouco mais sobre a criação do homem.
- O relato bíblico descreve-a do seguinte modo: “Deus disse: façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”. Então Deus formou o homem do pó da terra ... e deu-lhe vida.
- Como é isso possível, avô?
- A Deus tudo é possível. É uma prova de que somos pó é que, depois de morrermos, o nosso corpo se decompõe e a matéria que o

forma acaba por se confundir com a terra onde ele é sepultado. Deus deu a este homem a guarda do planeta Terra e de toda a vida animal.

- Fala-nos de outras características que Deus deu ao homem ...
- A principal é que o homem foi criado para reflectir o carácter do Criador. O homem tinha a possibilidade de escolher; era livre para amar e obedecer ou para duvidar e desobedecer ... só que desobedecer iria trazer-lhe a morte.
- E desobedeceu.
- É verdade. Agora, a única esperança é aceitar o convite de Deus através de Jesus, para sermos seus filhos e então teremos, de novo, a possibilidade de readquirir, um dia, as capacidades perdidas no Éden.

M^a Augusta Lopes

(A seguir não percas a explicação do avô sobre: O Grande Conflito)





Costa do Marfim

Este país pertence à Divisão África- Oceano Índico cuja capital é Abidjan. Esta Divisão compreende 32 países de língua Francesa e Inglesa da África Central e Ocidental, assim como as ilhas do Oceano Índico; foi organizada há 15 anos e conta com cerca de 334.000 membros. Até finais de Junho passado o número de membros era de 1.057.000 (8 Uniões e 55 campos locais).

Num Sábado, cerca de 200 membros do corpo diplomático e líderes governamentais presentes no país para reuniões de trabalho, uniram-se à igreja, no culto de adoração.

NET96

Uma série de conferências que tiveram lugar em Orlando, Florida, foram transmitidas via satélite. Os



Prs. Mark Finley, orador do programa televisivo “Está Escrito”, assim como C. D. Brooks, orador do programa de televisão “Sopro de Vida”, conduziram uma sessão de perguntas-resposta. O objectivo é que se envolvam neste projecto cerca de 2.000 igrejas norte americanas.

Planos estão a ser feitos para que a

Net 96 possa alcançar outras Divisões. A Divisão Inter-Americana votou a provisão de equipamento para cada uma das 60 Conferências locais. Então, cremos ser possível que outras Divisões possam também participar. Em estudo está a provisão da tradução simultânea em Francês, Espanhol, Português e, possivelmente, em Alemão.

Papua Nova-Guiné

O pioneiro da Missão Global local, Gideon Apen, um dia, quando conduzia na cidade, encontrou dois homens que precisavam de uma bofeia para o hospital.

Gideon acedeu alegremente. Passaram-se cerca de dois anos sem qualquer contacto e, de repente um dos homens convida Gideon para que fosse à aldeia de Amanab. Este homem sabia que Gideon era adventista e onde morava. Gideon foi à aldeia e ali permaneceu com aquele homem cerca de três semanas.

Uma semana depois, a cunhada do homem morreu. Enquanto os habitantes da aldeia preparavam o corpo para as cerimónias fúnebres, Gideon disse-lhes: “Vocês precisam dar-lhe um enterro condigno”. Não estavam certos do significado daquela palavra “condigno” e

convidaram-no para executar toda a cerimónia. Partilhou de tal maneira a Boa-Nova e a esperança da ressurreição na segunda vinda de Cristo, que o resultado foi surpreendente.

Algum tempo depois, o Espírito Santo usou-o para ali fundar uma nova congregação. Hoje existem ali três igrejas e cerca de 300 pessoas prepararam-se para o baptismo.

Filipinas

O tufão Ângela com ventos e rajadas na ordem dos 370 Km/hora assolou o norte das Filipinas e a cidade de Manila. Numa ilha a Este de Manila foram destruídas cerca de 15.000 casas e evacuadas 135.000 pessoas. O furacão Ângela é mais uma das muitas tempestades tropicais nas Filipinas. A rota deste furacão colidiu com uma área muito populacional e onde existiam algumas propriedades da igreja, incluindo a universidade, colégio, escolas, hospital, escritórios da União e Conferências e também as residências de centenas de empregados.

A ADRA ajudou directamente as famílias envolvidas com comida, cobertores e colchões. Em conjunto com os membros de igreja, organizados voluntariamente, limpam a área, alimentando os necessitados e transportando-os para locais mais seguros.

Divisão Inter-Americana

Nos primeiros 10 meses de 1995 foram baptizadas cerca de 101.727 pessoas, isto é, um aumento de 15% em relação ao mesmo período do ano passado. Foram aprovados, recentemente, alguns planos e objectivos para o próximo quinquénio: fazer cerca de 600.000 baptismos; alcançar um total de 2.000.000 de membros até ao ano 2.000; ter cerca de 15.000 Escolas Sabatinas organizadas que atendam a 2,5 milhões de membros; Ter uma escola do Ensino Básico por cada 1.500 membros; Uma escola Secundária em cada 5.000 membros; Um colégio para cada União com 100.000 ou mais membros; 174 escolas Secundárias e 10 Universidades.

De Geração Para Geração

N. Gordon Thomas
(Prof. Hist.)

Todas as denominações cristãs têm de justificar a sua existência com a apresentação de crenças fundamentais que as diferenciem de outros grupos. De contrário, não seriam suficientemente distintas para atrair e manter membros.

Contudo, as igrejas têm constatado que é mais fácil atrair novos conversos do que passar as suas crenças para as suas gerações mais jovens. Quase sem excepção, todas as Igrejas Protestantes passaram pelas mesmas fases de existência. Primeiro, vem a fase da descoberta inicial e da excitação, seguida pela fase do entusiasmo na estruturação da organização. Segue-se a estabilização, a formalização e, finalmente, a fase de apatia e declínio.

É só preciso olhar para as velhas igrejas Protestantes da América do Norte, para se descobrir este padrão. Quais as que estão activas e a crescer? Nenhunas! As únicas que crescem rapidamente são as igrejas evangélicas e Pentecostais ou os ramos fundamentalistas de denominações mais antigas que redefiniram a sua missão.

A história diz-nos que as igrejas que não reavaliam as suas crenças e actualizam os seus planos de missão numa base contínua, deixarão de existir. As doutrinas centrais

– ou “colunas da fé” – não necessitam de ser contestadas, mas a mudança na ênfase e nos planos é obrigatória numa sociedade em transição.

Não Obstante uma Visão Sublime

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, não obstante uma visão elevada, altos ideais e um sentido de chamado, não está excluída das forças que afectam todas as denominações na sociedade Ocidental. Temos, amiúde, de parar, avaliar a nossa posição e eficácia, e ouvir o que o passado tem para nos ensinar. Para que possamos continuar a existir, temos de aprender a transferir as nossas crenças e sentido de lealdade denominacional para os novos crentes e para as nossas gerações mais jovens.

Os nossos jovens querem conhecer as raízes da sua igreja e compreender o movimento que os seus pais aceitaram. E se nós, as gerações mais velhas da igreja, não conseguirmos justificar a existência da nossa denominação ou responder racionalmente às suas perguntas sinceras, eles serão atraídos pela grande ênfase dada por outras igrejas ao amor cristão e ao relacionamento.

É necessário que se mostre aos nossos jovens que

as verdades que fazem parte da nossa fé são tão actuais e importantes hoje, quanto o foram no século XIX; que temos uma mensagem distinta; e que nem todas as estradas nestes tempos ecuménicos são auto-estradas para o céu.

Muitas vezes, quando os israelitas eram confrontados com adversidades, viravam-se para o passado para se lembrarem de como Deus os tinha guiado. E é através dessa compreensão da história que o Israel moderno existe hoje como nação.

A nossa fé está hoje firmemente enraizada no nosso passado Adventista. Não saberemos onde estamos hoje ou para onde iremos amanhã, sem a certeza de que temos sido divinamente guiados desde o início. Só a história, não a teologia, nos poderá dar essa segurança.

Ellen White, já em 1869, compreendia claramente este princípio quando escreveu as linhas tantas vezes mencionadas: “Nada temos a temer do futuro, excepto se nos esquecermos da maneira como Deus nos tem guiado, e dos Seus ensinamentos no nosso passado”.

Constato, na minha longa experiência como professor da história Adventista tanto a alunos universitários como a adultos, que a maioria dos nossos membros sabem mui-

to pouco sobre as suas origens Adventistas.

Pergunto-me como poderemos nós, então, esperar manter a união dos nossos membros com uma tradição histórica comum, quando eles não sabem responder a perguntas históricas elementares sobre a sua herança. A solução estará, certamente, em educá-los na direcção de um século e meio de fé e esperança Adventista. Como o futuro da igreja está nas mãos dos jovens de hoje, os nossos educadores deveriam, acima de tudo, compenetrar-se da importância da tradição histórica de inspirar lealdade para com a igreja.

Um Curso Sem Barreiras, sobre História do Adventismo

Nestes anos críticos em que os alunos pesquisam e apresentam as suas dúvidas, é imperativo que lhes seja proporcionado um curso sem barreiras sobre história denominacional. O propósito desse curso deve ser ensinar história Adventista com tanta objectividade quanto possível.

Muito poucos estudantes universitários de hoje permanecerão na igreja pelo uso dos mesmos velhos clichés de confiança renovada e doutrinação que ouvem desde

crianças.

Cada aluno dos nossos colégios deveria tirar um curso de história denominacional. Todos os jovens Adventistas que não frequentem os nossos colégios deveriam, também, ter a oportunidade de tirar este curso. Os cursos dados nos colégios deveriam ser de *história*, não de teologia, e ser ministrados por um pro-

fessor de história.

Talvez assim se pudesse remediar o crescente problema de atrito entre a nossa geração que começa a pesquisar.

O Nosso Passado Glorioso

Desde que emergimos do movimento Millerita na década de 1840, construímos

uma igreja mundial – uma igreja com um propósito definido. Contudo, falhámos, de certo modo, em transferir este sentimento de “um passado glorioso” para as nossas gerações mais novas.

E se o amor patriótico e de lealdade para com o país pode inspirar cidadãos a ocupar lugares na frente da batalha armados apenas de paus e pedras, quanto mais não

poderá, o sentido de chamado bíblico acrescido da tradição histórica, incentivar os nossos jovens na sua lealdade denominacional e fazê-los tomar o seu lugar nas linhas da batalha para Deus.

Certamente que acreditamos que a partilha da *tradição histórica* com os nossos jovens é da *maior importância* para a sobrevivência da nossa igreja. A

REFLEXÃO

Mordomia e Cobiça

“A mulher... tomou-lhe do fruto e comeu, deu também ao seu marido, e ele comeu”. - Gén. 3:6

Por que razão Adão e Eva, ao comerem do fruto proibido, tornaram-se mordomos infieis? Por que razão há necessidade de um reavivamento e reforma nas nossas relações de tempo, talentos, tesouros e o templo do nosso corpo para com o nosso Senhor, nosso Criador e Deus Sustentador, Aquele que deu o Seu Filho para nos salvar da bancarrota espiritual?

A resposta está na cobiça que domina o coração do homem. “O maior pecado que existe na igreja é a cobiça” - *Testimonies*, vol. 1, p. 194. A cobiça abarca mais do que o dinheiro, pois inclui o orgulho, a avareza, o egoísmo e a idolatria. Foi tudo isto que, gradualmente, foi tomando conta do coração de Adão e Eva e os levou a pecar. Pecamos porque cobiçamos aquilo que não nos pertence ou não nos é próprio.

A mordomia é precisamente a providência que Deus adoptou para corrigir a nossa tendência cobiçosa e orientar-nos quanto ao devido uso

do tempo, talentos ou habilidades, dos tesouros como o dinheiro e bens e, especialmente, o nosso corpo, isto é, o templo do Espírito Santo.

Mordomia, ao contrário do que muitos pensam, não é sinónimo nem símbolo de dinheiro e de bens terrestres, materiais. O dinheiro é necessário e bom se bem usado, mas, mesmo assim, não soluciona os nossos problemas vitais e, muito menos, os da igreja.

Alguém mencionou 12 coisas que o dinheiro pode e não pode comprar:

1. **O dinheiro compra uma cama, mas não compra o sono.**
2. **Compra livros, mas não a inteligência.**
3. **Compra comida, mas não o apetite.**
4. **Compra uma casa, mas não um lar.**
5. **Compra presentes, mas não o amor.**
6. **Compra um remédio, mas não a saúde.**

7. **Compra o conforto, mas não a tranquilidade.**
8. **Compra calmantes, mas não a paz.**
9. **Compra conveniências, mas não a cultura.**
10. **Compra divertimentos, mas não a felicidade.**
11. **Compra um crucifixo, mas não o Salvador.**
12. **Compra uma poltrona, mas não um lugar no Céu.**

Conta-se que um influente membro de igreja, quando solicitado a participar numa actividade missionária, disse ao pastor: “Este é o seu dever e responsabilidade. Por isso dou os meus dízimos e ofertas”. Ele não conhecia o verdadeiro espírito da mordomia. E nós? O dar dinheiro não substitui o necessário e abnegado serviço beneficente activo.

Moisés S. Nigri

Aprenda a Controlar o Stress

NOVO
ESTILO DE VIDA

Sem Stress!

Dr. Julián Melgosa

✓ **Necessitamos de uma certa tensão para conseguir manter uma actividade mental e produtiva.**

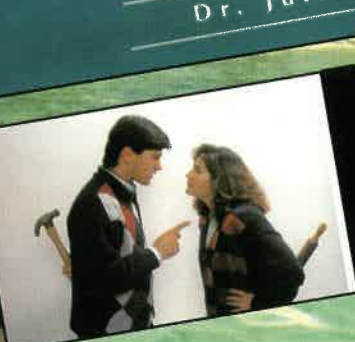
✓ **Demasiada tensão causa-nos stress e impede-nos de desfrutar a vida.**

✓ **O stress é a doença da nossa época; afecta homens, mulheres, jovens assim como crianças e adolescentes.**

✓ **Não podemos evitar o stress mas podemos aprender a controlá-lo e assim evitar a ansiedade e a depressão.**

✓ **Aqui encontra as melhores soluções para um dos maiores problemas da vida moderna.**

✓ **É um original e prático PLANO DE CINCO DIAS PARA CONTROLAR O STRESS.**



Peça já o seu "Sem Stress!" à:



Publicadora Atlântico, S.A.

R. Salvador Allende, Lt. 18, 2º 2685 - Sacavém PORTUGAL Telef.: (01) 942 1232